

Resenha do livro *Relações Étnico-Raciais na Literatura Brasileira do Século XXI: Textos e Contextos* (2023)

ÁZARA; Michel Mingote Ferreira de; Climent-Espino; Rafael. **Relações Étnico-Raciais na Literatura Brasileira do Século XXI: Textos e Contextos**. Belo Horizonte (MG): Tradição Planalto, 2023. 167 p.

DOI: [10.22481/lnostr.v.14i1.18481](https://doi.org/10.22481/lnostr.v.14i1.18481)

Gabriel Lima Silva¹

Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-0428-4604>

O livro *Relações Étnico-Raciais na Literatura Brasileira do Século XXI: Textos e Contextos* propõe uma análise necessária sobre como as questões raciais têm sido representadas e tensionadas na produção literária contemporânea do Brasil. Em um país marcado historicamente por desigualdades raciais e por narrativas que muitas vezes invisibilizaram corpos e vozes negras, o livro se apresenta como um convite à releitura crítica do cânone e à valorização de autoras e autores que colocam a negritude, a identidade e a ancestralidade no centro de suas construções narrativas.

Publicado em um contexto em que os debates sobre representatividade, decolonialidade e letramento racial ganham cada vez mais destaque nos espaços acadêmicos e sociais, o livro, organizado por Michel M. F. de Ázara e Rafael Climent-Espino, apresenta abordagens de olhares diversos que contribui para o fortalecimento de uma crítica literária comprometida com a reparação étnico-racial. Composto por sete capítulos, todos escritos por docentes e pesquisadores especializados na temática, a obra propõe reflexões sobre como a literatura brasileira contemporânea tem problematizado as relações étnico-raciais e tensionado discursos historicamente excludentes.

Na introdução do livro, intitulada "*A problemática racial na literatura brasileira do século XXI em contexto*", os autores Michel M. F. de Ázara e Rafael Climent-Espino destacam a importância de se discutir a presença da negritude na literatura brasileira. Por meio de uma

¹ Licenciado em Letras (UNEB). Mestrando em Relações Étnicas e Contemporaneidade (UESB). E-mail: prof.gabs11@gmail.com

linha do tempo, apresentam um panorama histórico da produção literária de autoras e autores negros desde os primórdios da literatura nacional, com ênfase em figuras como Maria Firmina dos Reis (considerada a primeira romancista brasileira), Cruz e Sousa (expoente do simbolismo), Luiz Gama (escritor e ativista abolicionista) e Lino Guedes (jornalista e poeta). A partir desse resgate histórico, os autores introduzem conceitos como “negritude” e “amefricanidade”, estabelecendo pontes entre essas noções e a produção contemporânea de escritores negros no Brasil. O capítulo também cumpre um papel introdutório ao delinear os principais temas e abordagens que serão desenvolvidos nos capítulos seguintes.

No primeiro capítulo, “*A construção conceitual de raza: propostas teóricas*”, a autora Ana María Gómez-Bravo dedica-se à análise aprofundada do conceito de raça, propondo uma reflexão sobre suas origens, usos e transformações ao longo do tempo. Estruturado em quatro partes, o capítulo percorre diferentes perspectivas históricas e epistemológicas, buscando compreender como o termo *raza* foi sendo construído e ressignificado em distintos contextos culturais e acadêmicos. Inicialmente, a autora apresenta os principais conceitos e terminologias associadas ao termo, destacando as ambiguidades e disputas em torno de sua definição. Em seguida, discute a construção conceitual da raça no pensamento ocidental, traçando suas raízes nos discursos coloniais e científicos. A terceira parte é dedicada à investigação das origens desse conceito, examinando suas implicações nos processos etimológicos. Por fim, Gómez-Bravo analisa a evolução histórica da noção de raça, demonstrando como ela desenvolveu-se desde a Península Ibérica, no século XVI. O capítulo, apesar de não abordar textos literários ou autores da literatura (como os outros fazem), oferece uma base teórica para a compreensão das relações étnico-raciais discutidas nos demais textos da obra.

O segundo capítulo, escrito por Luana Della-Flora e intitulado “*Entre o dito e não dito, tudo se escuta: linguagem e identidade em O avesso da pele, de Jeferson Tenório*”, inicia-se com uma reflexão sobre a construção da história brasileira, problematizando quem tem legitimidade para narrá-la e por quais meios essa narrativa é veiculada. A autora, através de reflexões trazidas com textos de Lélia Gonzalez e demais teóricos, propõe uma leitura crítica do romance *O Avesso da Pele* (2020), do escritor negro contemporâneo Jeferson Tenório, articulando a ficção literária com as marcas da realidade social brasileira. Della-Flora apresenta uma síntese do enredo, no qual acompanhamos a trajetória de Pedro, um jovem negro que revisita a história de seu pai, Henrique, professor e intelectual negro, brutalmente assassinado.

Por meio dessa narração, o romance revela, de forma sutil e ao mesmo tempo dolorosamente explícita, como as violências do racismo estrutural atravessam o cotidiano de homens negros no Brasil, especialmente no contexto do sul do país.

A autora analisa como linguagem e identidade se entrelaçam na obra, evidenciando os silêncios, as ausências e os apagamentos que conformam a experiência negra na sociedade brasileira. Além disso, Della-Flora também dirige seu olhar para elementos que extrapolam o enredo propriamente dito, detendo-se, por exemplo, na dedicatória presente no romance. Nela, Jeferson Tenório inscreve sentido ao transformar a memória de Pedro sobre seu pai, Henrique, em um legado simbólico dedicando para seu próprio filho. Ao destacar esse gesto autoral, a pesquisadora evidencia como o romance se articula não apenas como denúncia social, mas também como um ato de transmissão afetiva e ancestral, reafirmando a importância da memória e da narrativa como formas de resistência e continuidade identitária.

No capítulo seguinte, intitulado “*Abliterações, de Paulo Dutra: entre a poética e a política da sobrevivência*”, Luiz Henrique Oliveira analisa a produção literária do autor negro Paulo Dutra, cuja escrita se constrói como denúncia contundente das experiências de violência e exclusão vividas nas comunidades periféricas do Rio de Janeiro. Através da articulação entre literatura e realidade social, Oliveira destaca como Dutra transforma a dor e a resistência em matéria poética, elaborando uma estética que expressa a urgência da sobrevivência diante do genocídio da população negra. O autor também insere dados estatísticos que revelam o alto índice de jovens negros assassinados por forças policiais, chamando atenção para o abismo racial que separa negros e não negros no Brasil. Essa dimensão política é potencializada pela forma como Dutra utiliza a linguagem, especialmente ao incorporar o conceito de “pretuguês”, cunhado por Lélia Gonzalez. Oliveira enfatiza a importância dessa escolha linguística como ato de insurgência e afirmação identitária, revelando como a literatura de Dutra opera simultaneamente como denúncia, memória e resistência.

No quarto capítulo, “*Um olhar a partir das poéticas pretas*”, Marcos Antônio Alexandre ressalta a importância de reconhecer, valorizar e discutir a produção literária de autoras e autores negros no Brasil. Utilizando o pensamento de Lélia Gonzalez, o autor introduz conceitos fundamentais como “amefricanidade” e “pretuguês”, que servem como chaves interpretativas para compreender as singularidades da linguagem e das vivências negras na literatura. Alexandre também destaca o papel dos *Cadernos Negros*, publicação promovida pelo

coletivo Quilombhoje, como um espaço essencial de visibilidade para as vozes negras, muitas vezes marginalizadas no cenário literário brasileiro. Além disso, o capítulo dedica atenção à poética da escritora Benê Lopes e à obra de Conceição Evaristo, enfatizando a força do conceito de “escrevivência”, criado pela autora, como expressão de uma literatura ancorada nas experiências e memórias do povo negro. A análise se aprofunda no poema “*Vozes-Mulheres*”, explorando temas como fé, ancestralidade e resistência, evidenciando como a literatura negra opera como instrumento de afirmação identitária e política. A leitura proposta por Alexandre se destaca pela sensibilidade crítica, oferecendo ao leitor não apenas um panorama das poéticas pretas contemporâneas, mas também um convite à escuta atenta das vozes que, historicamente silenciadas, agora se impõem com vigor e legitimidade no campo literário.

No quinto capítulo, intitulado “*Vaga Carne ou sobre como o teatro de Grace Passô tece imagens fabulares*”, Soraya Martins Patrocínio propõe uma reflexão sobre as teatralidades negras, destacando como elas provocam rupturas no sistema canônico do teatro brasileiro. A autora explora o conceito de fabulação, compreendido como uma prática de invenção e imaginação crítica, que permite a pessoas negras a criação de espaços simbólicos onde possam existir com liberdade, revisitar memórias, reconfigurar temporalidades e afirmar seus desejos. Fabular, nesse contexto, é um gesto político e estético: trata-se de produzir discursos, imagens e identidades negras alternativas, a partir de uma releitura da história em que o passado atua no presente e projeta possibilidades futuras, abrindo rotas de fuga frente às estruturas hegemônicas.

Soraya analisa, com profundidade, o monólogo *Vaga Carne* (2020), de Grace Passô, que encena a experiência de uma voz que, pela primeira vez, ocupa o corpo de uma mulher negra. A performance desconstrói identidades fixas e insere no palco uma subjetividade em movimento, que resiste às normatividades impostas. A autora destaca como Passô constrói essa identidade a partir de um lugar de deslocamento e reinvenção, fugindo às categorias convencionais de representação. Por fim, chama atenção para o desfecho do espetáculo, marcado pelo silêncio da atriz, um gesto potente que desconcerta o público e reafirma o teatro como espaço de ruptura aos padrões estabelecidos.

O penúltimo capítulo, intitulado “*A morte também aprecia o jazz, de Edimilson de Almeida Pereira: diálogos americanos*”, é assinado por Michel Mingote Ferreira de Ázara, um dos organizadores da obra. Nele, o autor lança luz sobre a produção poética, ensaística e intelectual de Edimilson de Almeida Pereira, tomando como ponto de partida a antologia *A*

Morte Também Aprecia o Jazz (2023). A partir da leitura dos poemas, Ázara propõe uma reflexão dialogando com autores como Lélia Gonzalez, Édouard Glissant, Achille Mbembe e Paul Gilroy, entre outros, para pensar a diáspora negra e suas expressões poéticas no mundo atlântico. O capítulo inicia com uma discussão breve, porém densa, sobre os deslocamentos e fragmentações que marcam a experiência diaspórica, para então adentrar nos possíveis diálogos transdisciplinares que emergem daquilo que o autor nomeia como poética do desabrigo. Esse conceito, desenvolvido a partir da obra de Edimilson, se refere à condição de quem escreve a partir de uma memória desterritorializada, de uma identidade constantemente em trânsito, tensionada entre o pertencimento e o exílio. Os trechos, selecionados pelo autor, apresentam metáforas e linguagem poética, assumem o lugar central na análise, representando a ruptura e a resistência presentes na experiência negra. Ao explorar esses elementos, Ázara evidencia como a poesia de Edimilson articula ancestralidade, poesia e crítica social em um gesto estético político através de sua obra.

O último capítulo do livro, intitulado “*Quilombos, quilombolas e quilombismo: raça, espaço e terra em Torto Arado, de Itamar Vieira Junior*”, é escrito pelo organizador Rafael Climent-Espino. Nele, é discutida a complexa articulação entre raça, território e resistência coletiva a partir da leitura do aclamado romance *Torto Arado* (2019). O autor propõe uma análise centrada no conceito de quilombismo, formulado por Abdias do Nascimento, compreendendo-o como uma filosofia política e cultural de luta, pertencimento e construção comunitária enraizada na ancestralidade africana. Climent-Espino examina como a narrativa de *Torto Arado* reconfigura a noção de quilombo não apenas como espaço físico de refúgio, mas como território simbólico e afetivo de resistência contra as estruturas históricas do racismo, da exploração da terra e do apagamento das identidades negras. Ao longo da análise, o autor também destaca a presença da religião de matriz africana *Jaré* no romance, evidenciando como os elementos espirituais reforçam os vínculos entre identidade, território e ancestralidade nas comunidades retratadas por Itamar Vieira Junior. A análise enfatiza o protagonismo das personagens femininas e a forma como o romance dá voz às lutas de comunidades rurais quilombolas pela posse da terra, pelo direito à memória e pela preservação de modos de vida ancestrais. O capítulo encerra a coletânea reafirmando o papel da literatura como ferramenta de disputa simbólica e política em contextos de opressão.

Sendo assim, concluo que o livro é altamente recomendável para estudantes, professores, pesquisadores e todos aqueles interessados em compreender as complexas articulações entre literatura, identidade e raça no Brasil contemporâneo. Apesar da densidade dos temas abordados, a escrita acessível e envolvente dos autores torna a leitura fluida e instigante, permitindo que o livro seja facilmente lido em apenas um dia. Cada capítulo oferece reflexões pertinentes para pessoas que se interessem ao assunto, tornando a obra uma excelente porta de entrada para debates urgentes sobre representatividade, memória e resistência no campo literário brasileiro.

Submetido em 17/12/2025

Aprovado em 15/01/2026